

A IDENTIDADE ESPORTIVA DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO DA COBERTURA FOTOGRÁFICA NO INSTAGRAM DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO

SPORTS IDENTITY OF THE ATHLETES WITH DISABILITY: A STUDY OF PHOTO COVERAGE ON INSTAGRAM OF THE BRAZILLIAN PARALYMPIC COMMITTEE

Silvan Menezes dos Santos

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Paraná, PR, Brasil

bammenezes90@gmail.com

Antonio Luis Fermino

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Paraná, PR, Brasil

antonioluisf@gmail.com

Resumo. O discurso midiático-esportivo pode exercer um papel fundamental no processo de estigmatização ou desestigmatização das pessoas com deficiência na sociedade. Neste sentido, a questão norteadora deste estudo foi: de que maneira os enquadramentos fotográficos das postagens do CPB no instagram, que retrataram os atletas com deficiência durante os Jogos Parapan-americanos de 2015, contribuíram para uma representação esportivizada dos mesmos? Para a realização desta pesquisa, recolhemos todas as postagens feitas no instagram do CPB do dia 31 de julho ao dia 15 de agosto de 2015, período que contemplou a realização dos Jogos Parapan-americanos de Toronto. Para o corpus de análise selecionamos 93 imagens que retratavam os atletas com deficiência. As imagens foram organizadas e analisadas a partir de quatro categorias pré-definidas: 1) a visibilidade da deficiência; 2) o espaço ocupado pelos atletas; 3) a postura dos atletas; e 4) a indumentária dos atletas. Constatamos, ao final deste estudo, que a cobertura fotográfica do CPB em seu perfil do instagram contribuiu parcialmente para uma visão esportivizada dos atletas com deficiência, evidenciando uma tendência em enfatizá-los ocultando as suas deficiências, mostrando-os em posições passivas e sem os seus uniformes de competição. Indicamos, portanto, que as instituições esportivas e midiáticas mostrem os atletas com deficiência sem ocultar ou mitificar suas identidades corporais, sem criar uma identidade virtual ou uma segunda realidade sobre os mesmos.

Palavras-chave: Mídia; Esporte; Corpo; Atletas com deficiência; Comitê Paralímpico Brasileiro.

Abstract. The media-sport speech can play a key role in the stigmatization or not stigmatization process of people with disability in society. In this sense, the main question of this study was: how photographic frames of CPB posts on instagram who depicted the disabled athletes during the 2015 Parapan-american Games did contribute to sports representation of the same? For this research, we collected all the posts made on instagram CPB of July 31 to August 15, 2015, period included the realization of the Parapan-american Games to Toronto. For the analysis of corpus we selected 93 images that depicted athletes with disabilities. The images were organized and analyzed from four predefined categories: 1) the visibility of disability; 2) the space occupied by athletes; 3) the position of the athletes; and 4) the clothing of athletes. We noted, at the end of this study, that the photographic coverage of the CPB in its instagram profile contributes partially for a sports view of disabled athletes, showing a tendency to emphasize them hiding their weaknesses, showing them in passive positions and without their competition uniforms. We noted, therefore, that sports and media institutions show athletes with disabilities without hiding or mystify their bodily identities without creating a virtual identity or a second reality about them.

Keywords: Media; Sport; Body; people with disability.



INTRODUÇÃO

Em diferentes momentos históricos, a pessoa com deficiência foi lembrada a partir de significados que expressam determinadas ideias de uma sociedade, tanto de exclusão e eliminação, como também de integração e adaptação. As ideias de normal e anormal, as diferenças entre corpos, sempre foram motivos de grande interesse da sociedade. Isso provoca um modo de estranhamento pelo e sobre o outro, ou seja, de estranhamento sobre a diferença do outro a partir do não reconhecimento de determinadas características.

Durante o nosso dia a dia criamos categorias e somos constantemente pressionados a criar diferentes julgamentos daquilo que o meio social oferece. Enfatizamos a expressão, "pressionados", pois não temos a possibilidade de permanecermos no meio termo, mas sim de marcar posições a partir de questionamentos e reflexões sobre aquilo que vivenciamos. Para Goffman (2006), quando colocamos significados a determinados indivíduos estamos trabalhando no campo da identidade social virtual, ou seja, aquilo que de certa maneira nos é imposto. No entanto, quando passamos a compreender o sujeito a partir do que ele pensa sobre ele e sobre o mundo, estamos compreendendo a sua identidade social real.

Partindo destes dois conceitos trazidos por Goffman (2006), é válido enfatizar que o estigma, esse estranhamento em relação ao outro, se acentua a partir do momento em que os mesmos se tornam distantes. Isso nos instiga a refletir sobre a necessidade de avaliarmos as diferentes formas de como as pessoas com deficiência são representadas pelo meio social. Se levarmos em consideração de que esta diferença entre o real e o virtual provoca uma visão estigmatizante dos sujeitos, cabe a nós refletirmos e trazermos meios para compreendermos como se dá essa discrepância nos diferentes âmbitos da sociedade.

Existem diferentes modos de entendermos o corpo e como ele é veiculado nos diversos espaços de informação e comunicação, ou em diferentes ambientes sociais, como na escola, nas cidades e também no meio esportivo. Se pensarmos em todo o processo histórico do esporte para pessoas com deficiência e o modo como se constrói o discurso sobre esses atletas, eles levam um "ranço histórico de se falar de igualdade e de inclusão quando se tem como pano de fundo questões de cunho histórico permeado pelo estigma da exclusão e do desrespeito à condição de diferença" (ZOBOLI; QUARANTA; MEZZARROBA, 2013, p. 267)).

O corpo por vezes é tido como uma das principais discussões nos diferentes campos de conhecimento. Isso se dá pelo interesse de diferentes pesquisadores que buscam compreender os significados do corpo nos mais variados espaços sociais. Nestas diferentes compreensões, podemos considerar o corpo como uma representação de determinada sociedade, do modo como age no mundo e de suas relações consigo e com o outro. Inserido em uma matriz cultural e histórica da sua realidade, o corpo se faz presente e se relaciona nas mais diversas atividades possíveis de serem realizadas, observadas e sentidas. "Temos, então, não um corpo, mas muitos corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta. Apesar disso, o corpo, como organismo e elemento da natureza, também nos atribui parte da condição humana e identidade da espécie" (SILVA, 2001, p. 88). Não há como negá-lo, nem mesmo colocá-lo em um nível de superioridade em que os outros contextos sociais não possam ser compreendidos, mas o corpo produz características físicas, estéticas, sociais que ficam marcadas no tempo e no espaço, ou seja, ele se "traduz na dinâmica entre o visível e o obscuro da subjetividade humana" (LIMA, 2011, p. 57).

Para Debord (1997), a sociedade do espetáculo, modo como o autor se refere à sociedade contemporânea, se organiza em um conjunto de relações sociais mediadas por imagens. Sob essa perspectiva, os diferentes corpos, como são sentidos e percebidos na teia social, podem ser nada mais do que o resultado da mediação de um emaranhado de modos de ver e atribuí-los significado, ou seja, de estigmatizá-los. Nesse sentido, seguindo essa lógica do autor, essas imagens construídas sobre os diferentes corpos são uma realidade que surge no espetáculo e esse espetáculo acaba tornando-se o real. Assim, a anteriormente subsumida subjetividade humana, aparece como imagem refletida e representada do próprio ser. Ela emerge em uma segunda realidade que não necessariamente é fidedigna e/ou é representativa da primeira.

Sob o ponto de vista da sociedade do espetáculo, o tempo e o espaço são outros aspectos a serem levados em consideração. Os fatos sociais históricos estão contidos numa formação temporal sem volta para os sujeitos. É impossível retomá-los e menos ainda reconstruí-los de formas diferentes. O tempo que circunda e que era para retornar à memória do homem na compreensão e até reflexão

acerca do fato passado, é privatizado pelos gerenciadores do espetáculo. O tempo torna-se irreversível e unidirecional, tudo o que foi feito no passado é mascarado como um “curta-metragem”, ou melhor, um fragmento de representação que apresenta apenas os bons e marcantes momentos de toda uma vida que se pensa ter vivido. Tudo isso é filtrado e selecionado pelos editores que constroem o espetáculo, que no caso deste estudo é o espetáculo esportivo. Se o tempo era, até então, o meio libertador dos sujeitos, lugar onde as reflexões dos atos sociais iam ser buscadas para serem transformadas no tempo presente ou futuro, a atual relação espaço-tempo congelou o que há de mais vivido no ser humano, a sua própria subjetividade (DEBORD, 1997).

Os modos como se enquadram as imagens do esporte e dos atletas sob a perspectiva do espetáculo pode ser uma forma de ocultar ou sintetizar em demasia elementos que compõem o contexto do espaço e do tempo esportivo. O fenômeno esportivo é uma instituição social composta de um conjunto de signos, símbolos e valores (BRACHT, 1997), tais como os campos de competição, a indumentária que se utiliza, a virilidade muscular dos corpos atléticos, as expressões de concentração e força. Ou seja, é um fenômeno que carrega consigo uma complexidade de elementos e nuances que lhe são muito peculiares dentro da sociedade. Nesse sentido, ao serem construídas as narrativas iconográficas e textuais acerca do esporte para serem veiculadas nas diferentes mídias, demanda-se um cuidado e uma atenção ao modo como esse conjunto de elementos que o compõe são expostos, pois eles podem ser fragmentados ou mostrados em sua completude.

Os meios e/ou instrumentos utilizados para operacionalizar essa lógica do espetáculo, se transformaram. Até então, tínhamos restritamente os meios tradicionais de comunicação de massa (rádio, televisão e jornais) para a circulação de imagens. Com o advento das mídias digitais e das redes sociais essa possibilidade se expandiu e passou a compor o cotidiano social, estando na palma da mão de cada um dos sujeitos através dos smartphones. Essa é uma transformação significativa, mas que confirma a ordem da sociedade do espetáculo, na qual houve um “extraordinário aperfeiçoamento técnico dos meios de se traduzir a vida em imagem, até que fosse possível abarcar toda a extensão da vida social” (KEHL, 2004, p. 44). Dos desdobramentos dessa perspectiva de sociedade mediada por imagens, ou representações, teríamos o consumo das mesmas como contemplação e também identificação (KEHL, 2004). Ou seja, os diferentes corpos, inclusive os esportivos, que venham a ser apresentados dentro desse universo, podem se tornar exemplos a se contemplar ou se identificar.

Para Kellner (2003, p. 5), os espetáculos sociais são “aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos”, incluindo entre eles os eventos esportivos. Assim, os Jogos Parapan-americanos de 2015, conforme estudado aqui neste trabalho, podem contribuir para os modos de compreender, ser e estar com relação ao esporte para pessoas com deficiência, em suma, para a conformação da cultura esportiva¹ paralímpica. Sobre isso, Marchi Júnior (2001, p. 139) afirma que

Comumente, à mídia é atribuída a função de aproximar os leitores e telespectadores dos eventos esportivos aos principais personagens que compõem o espetáculo esportivo, ou seja, os atletas. Esses, por sua vez, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos, dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas.

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), desde a sua criação em 1995, vem desenvolvendo uma política de proximidade com a mídia. Através da chancela dos presidentes que passaram pela instituição nestes 20 anos de existência, a entidade sempre procurou estratégias de incentivar e promover a presença dos meios de comunicação de massa do país nas competições esportivas para

¹ Por cultura esportiva entendemos como “o conjunto de ações, valores e compreensões que representam o modo predominante de ser/estar na sociedade globalizada, em relação ao seu âmbito esportivo, cujos significados são simbolicamente incorporados através, principalmente, da mediação feita pela indústria da comunicação de massa” (PIRES, 2002, p. 42).

pessoas com deficiência, tanto em nível nacional como em nível internacional. O CPB convidou e financiou a ida de jornalistas dos grandes conglomerados da mídia para Jogos Paralímpicos. O Comitê comprava direitos de transmissão televisiva das competições e concedia gratuitamente para as emissoras de tv, como forma de tentar aparecer na grade de programação das mesmas em algum momento. A entidade também tem promovido workshops para jornalistas do país que tenham interesse ou que sejam direcionados a cobrir os eventos esportivos para pessoas com deficiência (MIRANDA, 2011).

Atualmente, o CPB tem acompanhado o desenvolvimento das mídias digitais e possui uma política de comunicação ativa em diferentes redes sociais. A instituição tem página no Facebook, no Twitter, no Instagram e no Flickr, tem também canal no Youtube e no Periscope. Todos esses perfis que a entidade esportiva mantém nas redes são movimentados diariamente, fazendo circular conteúdos acerca do esporte para pessoas com deficiência e do movimento paralímpico a todo instante. Nesse sentido, o CPB, apesar de ser uma instituição burocrática do esporte para pessoas com deficiência que não teria essa responsabilidade direta de exercer um papel comunicativo, tem atuado de modo efetivo na divulgação e veiculação midiática dessa manifestação esportiva e desse grupo social, que há tanto tempo é estigmatizado e marginalizado na sociedade. Porém, é também compreensível essa busca por ações e estratégias comunicacionais do Comitê, que assim como qualquer outra empresa, mesmo que seja sem fins lucrativos como é o caso, visa agregar valor de mercado ao seu produto através da visibilidade e do marketing.

O discurso midiático-esportivo pode exercer um papel fundamental no processo de estigmatização ou desestigmatização das pessoas com deficiência na sociedade (DE LÉSELEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010). De acordo com alguns estudos realizados sobre a cobertura midiática-esportiva dos atletas com deficiência, existem alguns estigmas com os quais normalmente eles são associados. Entre eles estão a trivialização e a infantilização, que é quando são apresentados sob uma outra perspectiva que não a esportiva e até mesmo como crianças (DE LÉSELEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSELEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSELEUC, 2011; PAPPOUS et al., 2007), o supercrip, quando os mesmos são tratados como super heróis por terem superado tantas adversidades com a deficiência, desfocado do seus feitos esportivos (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2007; HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012) e a vitimização, quando é reforçado o ideal de que são coitadinhos por terem sofrido tanto (HILGEMBERG, 2014).

Diante dessa explanação realizada até aqui, a problemática de pesquisa investigada neste estudo partiu da seguinte articulação de ideias. Primeiro, entendemos que os modos como os diferentes corpos são expostos e/ou tornados visíveis para a sociedade são determinantes para a criação, existência e reprodução dos estigmas. Segundo, o tipo de mediação imagética que venha a ser feita dessas relações sociais estabelecidas pelo corpo, sobretudo se operada através da lógica de espetáculo, pode ser fundamental para a conformação dos fenômenos a serem contemplados e com os quais a sociedade pode/deve se identificar. Terceiro, consideramos o espetáculo esportivo, os grandes eventos e o discurso midiático veiculado sobre os mesmos, como potentes mediadores culturais do esporte para pessoas com deficiência, devido ao seu alcance social e territorial. Quarto, constatamos que o CPB tem buscado variadas estratégias de comunicação para a promoção de uma imagem esportivizada das pessoas com deficiência através das suas redes sociais. Por conta disso, selecionamos o caso dos Jogos Parapan-americanos de 2015, que ocorreu em Toronto, Canadá, para desenvolvermos este estudo. Essa competição ganhou visibilidade no Brasil pelo fato da delegação brasileira ter batido o recorde de medalhas na competição, com 257 no total. Assim, o problema de pesquisa foi: de que maneira os enquadramentos fotográficos das postagens do CPB no instagram, que retrataram os atletas com deficiência durante os Jogos Para PanAmericanos de 2015, contribuíram para uma representação esportivizada dos mesmos?

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa observacional descritiva e com abordagem qualitativa na análise dos dados. Ela pode ser denominada como uma pesquisa de análise de produto midiático, na qual tratamos especificamente da análise do conteúdo imagético publicado no perfil da rede social instagram do CPB, @ocpboficial.

O Instagram é uma “comunidade de mais de 300 milhões de pessoas que capturam e compartilham momentos do mundo [...] tornou-se a casa da narrativa visual para todos, desde celebridades, redações e marcas, para adolescentes, músicos e qualquer pessoa com uma paixão criativa [...] compartilha mais de 60 milhões de fotos todos os dias” (INSTAGRAM, 2016)². Essa é mais uma da série de redes sociais que têm surgido nas últimas décadas, assim como foi com o Orkut, o Facebook, o Twitter, o Snapchat e outras. Do mesmo modo que em outras redes, no Instagram os usuários podem seguir, compartilhar, curtir e comentar os conteúdos postados uns pelos outros. Um diferencial do Instagram é que ele se caracteriza por fazer circular, basicamente, conteúdo audiovisual, se restringindo a fotografias e vídeos de até 15 segundos com uma legenda escrita pelo próprio autor da postagem. Por conta disso, selecionamos especificamente o perfil do CPB nesta rede social para fazer análise do conteúdo imagético produzido acerca dos Jogos Parapan-americanos de 2015.

Em seu perfil do Instagram, o CPB tem 17 mil e 300 seguidores, segue outros 337 perfis e postou desde a sua criação 1918 fotos³. Para a realização desse estudo, recolhemos todas as postagens feitas do dia 31 de julho ao dia 15 de agosto de 2015, incluindo assim a semana anterior e a semana de realização dos Jogos Parapan-americanos de Toronto, que ocorreu de 7 a 15 de agosto. Incluímos a semana anterior aos Jogos pois foi a partir do dia 31 de julho que o CPB começou a fazer postagens relacionadas à competição. Nesse período, o CPB fez 176 postagens, sendo 135 fotos e 41 vídeos. Para atender o objetivo do estudo em investigar de que modo as fotografias apresentavam imagens esportivizadas dos atletas com deficiência, selecionamos somente as imagens que os retratavam. Portanto, excluímos tanto os vídeos, como as fotos em que eles não apareciam (como fotos aéreas das arenas, do mascote, de paisagens da cidade, de gestores/organizadores do evento, entre outras). Assim, para a composição do corpus de análise do estudo, ficaram 93 postagens do CPB.

Para a organização e análise dos dados, tomamos por base as orientações teórico-metodológicas da teoria de enquadramento (frame analysis). Segundo Mendonça e Simões (2012, p. 194), os enquadramentos são como “molduras balizadoras de sentidos [...] é no conteúdo que se busca o quadro, visto como uma espécie de ângulo, que permite compreender uma interpretação proposta em detrimento de outras”. Os enquadramentos são, portanto, estruturas discursivas que, a partir de elementos colocados em evidência ou omitidos, propõem uma interpretação dos textos midiáticos (ANTUNES, 2009).

A análise do enquadramento nos ajudou a identificar aquilo que foi incluído, excluído e/ou enfatizado no quadro fotográfico das imagens publicadas pelo CPB em seu instagram. Para complementar essa perspectiva teórico-metodológica, partimos de quatro categorias pré-determinadas para avaliar a questão da esportividade associada aos atletas com deficiência no conteúdo imagético analisado, foram elas: 1) a visibilidade da deficiência; 2) o espaço ocupado pelos atletas; 3) a postura dos atletas; e 4) a indumentária dos atletas. Essas categorias analíticas já foram utilizadas como indicadores em outras pesquisas sobre esporte para pessoas com deficiência (BRUCE, 2014; BUYASSE; BORCHERDING, 2010; FIGUEIREDO, 2014; HARDIN; HARDIN, 2005; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011; PAPPOUS et al., 2007, 2009; THOMAS; SMITH, 2003).

Segundo Pappous et al. (2009), a depender do modo como forem apresentados nas imagens, os elementos representativos do espaço e tempo do corpo dos atletas com deficiência podem contribuir para o reforço de estigmas associados à pessoas com deficiência, tais como incapazes, coitadinhos, inválidos e dependentes. Por outro lado, se apresentados enfocando as dimensões esportivas da imagem corporal dos atletas, podem contribuir para uma percepção dos mesmos como pessoas capazes, fortes, determinadas e independentes. Nesse sentido, para cada categoria foram definidas as seguintes classificações para as imagens:

1. Visibilidade da deficiência:
 - a. visível;
 - b. invisível;

² Para saber mais, acessar <https://www.instagram.com/about/us/> acessado em 31/03/2016.

³ Essas são informações recolhidas em 31/03/2016.

2. Espaço ocupado pelos atletas:
 - a. dentro de campo;
 - b. fora de campo;
 - c. no pódio ou com medalha;
3. Postura dos atletas:
 - a. ativo (em competição);
 - b. passivo (fora de competição);
4. Indumentária dos atletas:
 - a. com uniforme de competição;
 - b. sem uniforme de competição;

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visibilidade da deficiência

Das 93 postagens do CPB no Instagram elegíveis para análise, 34 apresentaram o atleta com a deficiência visível, ou seja, 36,5% do total analisado. As outras 59 postagens deixaram a deficiência invisível na foto, o que correspondeu a 63,5% do total. Nesse sentido, podemos perceber como a cobertura fotográfica do CPB em sua rede social apresentou os atletas paralímpicos deixando, predominantemente, as deficiências deles invisíveis. Esse é um modo de exposição e visibilidade do esporte paralímpico que, segundo DePauw (1997), não contribui para a diminuição da marginalização desse grupo de pessoas no esporte e na sociedade como um todo.

Os corpos esportivos são tradicionalmente vistos e expostos como corpos atléticos, fortes, anatomicamente completos, com todos os membros operando harmonicamente para a execução dos movimentos esportivos tidos como ideais. Em outros momentos da história do fenômeno esportivo na modernidade, as mulheres e os negros também foram excluídos ou ocultados desse universo, sobretudo na dimensão do alto rendimento. Eles eram compreendidos como sujeitos da sociedade que portavam corpos incapazes ou inferiores diante daquilo que se esperava da excelência esportiva. Do mesmo modo, os atletas com deficiência também passaram e, em certa medida, ainda passam por situações semelhantes. Os mesmos são vistos e compreendidos como seres incapazes e limitados, seja na dimensão corporal, sensorial ou intelectual, a depender do tipo de deficiência que venham a ter (DEPAUW, 1997; HARDIN, 2012).

A partir do momento que o CPB, entidade representante do movimento paralímpico no país, mesmo diante do conjunto de esforços e ações que vem desenvolvendo ao longo dos anos, acaba ocultando mais do que expondo a deficiência dos atletas, em nada ela contribui para a ruptura dos estigmas relacionados a essas pessoas. Desse modo, o CPB acaba perdendo a oportunidade de naturalizar esteticamente na sociedade os diferentes tipos de deficiência. Omitir a deficiência dos atletas pode compreender, até certo ponto, uma forma de perpetuação do estranhamento gerado pela ausência de um membro, pelo desvio dos olhos cegos, pela atrofia ou distrofia dos músculos, entre outras. Em suma, esconder as deficiências também pode ser uma forma de reforço à ideia de que elas são "abominações do corpo" (GOFFMAN, 2006). "A deficiência é parte da identidade social dos atletas paralímpicos, e ignorando a deficiência se ignora parte de quem eles são" (BUYSSE; BORCHERDING, 2010, p. 318).

Abaixo, podemos ver alguns exemplos das fotos em que o CPB acabou enquadrando as imagens de modo que deixou as deficiências dos atletas invisíveis.

FIGURA 1

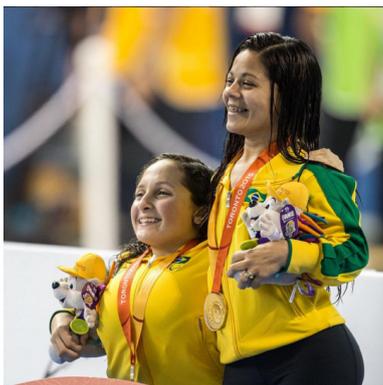


FIGURA 3



FIGURA 2



FIGURA 4



DePauw (1997) elenca três estágios ou dimensões de inclusão e/ou exclusão dos atletas com deficiência no contexto esportivo, são eles: a) invisibility of disability in sport, no qual os atletas com algum tipo de deficiência são invisíveis ou excluídos do esporte; b) visibility of disability in sport, no qual as pessoas com deficiência tornam-se visíveis no esporte, vistos como atletas, porém ainda com foco nas deficiências; e c) (in)Visibility of disAbility in sport, situação em que eles ganham visibilidade no esporte, agora enfocados como atletas, com a deficiência ainda visível, porém em segundo plano. Seguindo essa sequência de estágios ou dimensões, de acordo com a cobertura fotográfica do CPB estaríamos teoricamente avançando na questão da inclusão das pessoas com deficiência no âmbito do esporte de alto rendimento.

O paradoxo que se apresenta neste estudo é que ao apresentar os atletas omitindo as suas deficiências nas imagens publicadas, o CPB pode estar colaborando para a descaracterização da identidade corporal deles. Ou seja, mesmo que tenhamos atingido o terceiro estágio de inclusão apresentando as pessoas com deficiência como atletas, o formato ainda é de exclusão da deficiência do enquadramento estético a ser veiculado na sociedade. De acordo com Pappous et al. (2009), esse modo de cobertura midiática, na qual se exclui a deficiência da imagem, representa uma “segunda amputação” dos atletas com deficiência, ou uma amputação fotográfica.

Para exemplificar a diferença estética entre o ocultar e o tornar visível a deficiência nas fotos, abaixo apresentamos alguns exemplos diferentes daquelas indicadas acima. Nestas, selecionamos imagens em que as deficiências dos atletas estão visíveis.

FIGURA 5



FIGURA 7



FIGURA 6



FIGURA 8



Em estudo desenvolvido por Bruce (2014) sobre a cobertura fotográfica da mídia na Nova Zelândia, foi identificado que a exposição das deficiências esteve mais recorrente nas imagens dos atletas internacionais, de outros países, do que quando se tratava dos atletas nacionais, neozelandeses. Segundo a autora, esse tipo de opção jornalística esteve associada ao discurso e imagem nacionalista que a mídia local procurou veicular acerca dos atletas e do esporte paralímpico no país. Essa foi uma forma de ressaltar a esportividade e a competitividade dos atletas nacionais, tendo como contraponto o foco nas limitações, nos comprometimentos e nas deficiências dos atletas internacionais adversários.

Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011) encontraram um crescimento da invisibilidade das deficiências quando compararam as coberturas fotográficas dos jogos de Sydney/2000 e Pequim/2008 em 10 jornais de cinco países europeus (Alemanha, Inglaterra, Espanha, Grécia e França). Durante os Jogos de 2000, 18% das fotografias não ilustravam as deficiências dos atletas, em 2008 esse número aumentou para 58% das publicações dos jornais. Thomas e Smith (2003) também identificaram na cobertura da mídia inglesa durante os Jogos de Sydney que a maior parte das fotografias não expunham a deficiência dos atletas no enquadramento da imagem.

De acordo com os achados desses estudos citados, há uma tendência em tornar a deficiência invisível aos olhos do consumidor do esporte paralímpico. Além disso, como no caso do estudo de Bruce (2014), a exposição visual, ou não, da deficiência pode estar associada ao despertar e construção do sentimento nacionalista e positivo com relação aos atletas e ao esporte paralímpico. Para DePauw (1997), a invisibilidade ou pouca visibilidade da deficiência seria um dos fatores para aquele que seria o estágio mais avançado da inclusão dos atletas com deficiência no esporte.

Sob o ponto de vista da sociedade do espetáculo, "tudo o que aparece é bom, e o que é bom aparece" (DEBORD, 1997, p. 16–17). Assim, se associada essa lógica aos dados que predominaram na cobertura fotográfica do CPB em sua rede social, as deficiências dos atletas podem ser consideradas como algo ruim. Ou seja, ao excluí-las da maior parte dos enquadramentos fotográficos publicados, o CPB acabou reforçando o estigma de que as deficiências são algo socialmente negativo ou esteticamente indesejado para os holofotes do espetáculo esportivo. Ocultar as deficiências dos quadros que são veiculados para os consumidores do esporte paralímpico pode estar ajudando a

sustentar aquilo que Debord (1997) chamou de um pseudomundo a ser contemplado. Uma segunda realidade que surge nesse recorte das imagens e que pode acabar construindo uma visão de mundo e sociedade na qual as deficiências são ocultadas, ou até mesmo excluídas da ótica social.

Espaço ocupado pelos atletas

Com relação a categoria definida pela caracterização espacial onde os atletas com deficiência foram fotografados durante os Jogos Parapan-americanos de 2015, das 93 fotos analisadas, 48 apresentavam os atletas dentro do campo de competição, o que corresponde a 51,6% do total. As fotos que enquadraram os atletas fora do campo ocorreram em 34 delas, correspondente a 36,5% das publicações. A terceira classificação das fotografias, que emergiu dos dados, foi a apresentação dos atletas no momento do pódio, com a medalha nas mãos, essa apareceu em 25 das fotos, correspondendo a 26,8% do total. A soma das fotos classificadas nesta categoria ultrapassa o número absoluto das imagens analisadas, pois as fotos dos atletas no pódio ou com a medalha também podem ter sido classificadas como dentro de campo ou fora de campo.

Um dos signos que Pappous et al. (2009) apontam como representativo da desportividade dos atletas nas fotografias é o espaço onde eles são retratados. Juntamente com a sua postura e a sua vestimenta, a posição deles dentro ou fora do campo de competição no enquadramento fotográfico é considerada determinante para a compreensão deles como esportistas, capazes de competir e de exercer a excelência esportiva. Ao cobrir uma competição de alto rendimento esportivo, como são os Jogos Parapan-americanos, tem-se inúmeras oportunidades de captar fotografias dos atletas dentro dos seus espaços de disputa. Veicular os mesmos fora desses ambientes pode contribuir para reforçar o estigma da pouca competitividade ou incapacidade das pessoas com deficiência para a prática esportiva.

No que se trata do espaço ocupado pelos atletas nas representações iconográficas durante a competição, de acordo com a classificação de Pappous et al. (2009), as postagens do CPB tendem a contribuir para a desestigmatização dos atletas com deficiência. O fato de se priorizar a presença no campo de competição e a celebração dos pódios e medalhas ajuda também a construir uma narrativa imagética do esporte paralímpico comparável ao esporte olímpico, em que os atletas são retratados por sua excelência esportiva, nos ambientes de competição e nos momentos de conquistas de medalhas.

Abaixo apresentamos alguns exemplos de imagens postadas pelo CPB durante os Jogos Parapan-americanos 2015 para ilustrar as três classificações discutidas aqui sobre a representação do espaço ocupado pelos atletas nas fotos. As figuras 9 e 10 mostram fotos dos atletas em seus campos de competição.

FIGURA 9



FIGURA 10



Abaixo, as figuras 11 e 12 são postagens que apresentaram os atletas fora dos seus ambientes de competição.

FIGURA 11



FIGURA 12



Na sequência, nas figuras 13 e 14, segue exemplos dos atletas quando retratados no pódio ou celebrando as suas medalhas.

FIGURA 13



FIGURA 14



Para Pappous et al. (2007), a apresentação dos atletas no campo de competição esportiva através das imagens contribui para a representação dos mesmos em uma perspectiva de "verdadeira esportividade". Para alcançar esse patamar iconográfico, a composição das imagens precisa reunir três elementos representativos da esportividade, são eles: a indumentária, a postura dos atletas e o espaço que eles ocupam. Para o primeiro item tem-se a necessidade de que os atletas sejam retratados com seus uniformes de competição. Para o segundo, demanda retratá-los exercendo o movimento de ação na disputa. Para o terceiro, é preciso apresentá-los dentro dos seus respectivos espaços de competição. A ausência de um desses elementos na composição da foto pode sugerir uma "esportividade encenada".

No caso das fotos postadas pelo CPB, através dos exemplos apresentados acima, podemos constatar a diferença de representação gerada pelo fato dos atletas serem retratados dentro ou fora de campo. Nas figuras 9 e 10 evidencia-se os espaços de disputa, facilitando o entendimento para quem visualiza a foto de que se trata de um campo de futebol na primeira e da quadra de voleibol sentado na segunda. No caso das figuras 11 e 12, onde os atletas são retratados em academia de ginástica e na coletiva de imprensa, respectivamente, não fica evidente qual a modalidade que eles disputam e nem sequer que tratam-se de atletas de alto rendimento. Diferentemente, as figuras 13 e 14, que apresentam os atletas no momento de celebração, apesar de não deixarem claro a ambiência da competitividade e da disputa, ainda assim a presença do pódio e das medalhas são signos que sugerem uma conquista esportiva de grande valia.

Em estudo sobre a cobertura fotográfica de onze jornais de 5 países e continentes diferentes, foram analisados os elementos que compunham as fotos, comparando-as entre os modos como retratavam atletas dos gêneros masculino e feminino. Foi identificado que, de modo geral, há uma tendência em se retratar mais os homens do que as mulheres em quadra. No total, ficou constatado que apenas 23,7% das fotos das mulheres apresentavam-nas dentro do campo de competição e, no caso dos homens, essa porcentagem foi de 44%. Nessa perspectiva, compreende-se que quanto menos se retrata as mulheres nos espaços de disputa, por mais tempo se perpetua o ideal de que o esporte e o esporte para pessoas com deficiência é uma prática predominantemente masculinizada (BUYSSE; BORCHERDING, 2010). No caso desta pesquisa com a cobertura fotográfica veiculada no instagram do CPB não avaliamos as distinções de gênero, porém os achados do estudo de Buysse e Borchering (2010) sugerem que retratar os atletas fora do campo de disputa não promove o reconhecimento da competitividade do esporte paralímpico.

Os dados encontrados aqui denotam uma tendência à representação espacial que contribuiu para o reconhecimento da esportividade dos atletas. Porém, ainda há indicativos do uso de imagens que retratam o pré e o pós competição, o que acaba não contribuindo totalmente para o rompimento do estigma de incapacidade esportiva e/ou de pouca competitividade dos atletas com deficiência.

Postura dos atletas

Para discutirmos esta categoria, trazemos como base importante para esta reflexão o trabalho de Pappous, Marcellini e De Léseleuc (2011), no qual analisaram dados relativos a cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de cinco países europeus num período de oito anos. Tais dados, buscam evidenciar de que maneira os meios de comunicação tendem a veicular imagens sobre os atletas paralímpicos.

Temos como entendimento de Ativo, fotografias que demonstram atletas com deficiência em competição na sua modalidade, enquanto que Passivo, imagens que registram o atleta imóvel, ou seja, não competindo. Neste campo de análise os autores puderam evidenciar que durante os Jogos Paralímpicos de Sydney em 2000, 60% dos atletas foram retratados competindo. O que não aconteceu em Pequim, 2008, no qual apenas 38% dos atletas foram registrados em momentos de ação (PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011).

Para Goffman (2006, p. 14) é possível demarcarmos três tipos de estigma, “[...] As abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual percebidas como má vontade, paixões tirânicas ou artificiais [...]. Por último, há o estigma tribal de raça, nação e religião [...]”⁴. Estes conceitos apresentado pelo autor, nos apontam que o estigma pode ser uma categoria de inferiorização do sujeito, baseado em teorias das quais retratam falsos sentidos, criam estereótipos e perpetuam discursos reducionistas e discriminatórios. No caso dos atletas com deficiência, é comum percebermos as notícias veiculadas no jornalismo esportivo como se o esporte para as pessoas com deficiência não fosse autêntico. “Não obstante o seu potencial, o histórico de atuação da mídia em termos das representações e discursos adotados referentes à pessoa com deficiência, não raro, apenas replica os preconceitos e estereótipos sociais” (FIGUEIREDO, 2014, p. 485).

Em nosso trabalho foi possível encontrar 68 postagens em que os atletas estão de maneira Passiva, o que corresponde a aproximadamente 73,11% do total de publicações. No aspecto Ativo, foram constatadas 27 imagens, correspondendo a 29,03% do total de postagens no instagram do CPB. No trabalho de Figueiredo (2014) os dados apontam algo diferente. A pesquisa buscou analisar as

⁴ “[...] Las abominaciones del cuerpo - las distintas deformidades físicas. Luego , los defectos del carácter del individuo que se perciben como falta de voluntad, pasiones tiránicas o antinaturales [...]. Por último, existen los estigmas tribales de la raza, la nación y la religión [...]” (GOFFMAN, 2006, p. 14).

narrativas culturais de atletas femininas do site globoesporte.com durante os JP de Londres, 2012, e constatou que 50% das fotografias foram em ação e 50% em atitudes passivas.

Buysse e Borcherding (2010), destacam que a mídia tem como característica veicular um número maior de imagens de homens em momentos de ação do que as mulheres. Os autores puderam perceber que 53% das imagens em ação são de homens e 40% são imagens de mulheres. “Embora as mulheres e as pessoas com deficiência tenham lutado pela inclusão e desafiado o modelo hegemônico masculino desportivo através do aumento da participação, a realidade social é que o tratamento pelos meios de comunicação permanece desigual”⁵ (BUYSSE; BORCHERDING, 2010, p. 309). No discurso de um suposto corpo ideal esportivo, os autores entendem que a visão feminina ainda está marginalizada e promove ideias de que o esporte é feito por homens.

Abaixo, podemos ver alguns exemplos de fotos na categoria Passivo que o CPB postou na sua página do instagram:

FIGURA 15



FIGURA 17



FIGURA 16

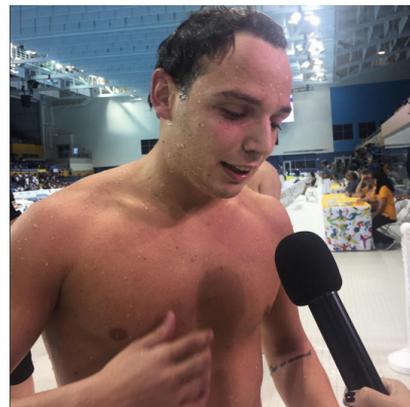


FIGURA 18



Para Hilgemberg (2014, p. 02) “[...] é fácil notarmos que “o que” a mídia cobre e “como” realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada esporte, podem ser questões que criam barreiras devido a estereótipos, trivialização e sub – representação”. A autora também associa essas barreiras a

⁵ "Although women and people with disabilities have fought for inclusion and challenged the male-hegemonic sport model through increased participation, the social reality is that the media's treatment of them remains inequitable". (tradução dos autores).

dois aspectos: um referente a qualidade de cobertura e outro a representação dos esportes e atletas. Na análise destas imagens é importante destacarmos que cada uma delas é enquadrada em momento anterior, após ou livre da competição.

Abaixo, podemos ver alguns exemplos de fotos na categoria Ativo em que o CPB postou na sua página do Instagram:

FIGURA 19



FIGURA 20



FIGURA 21

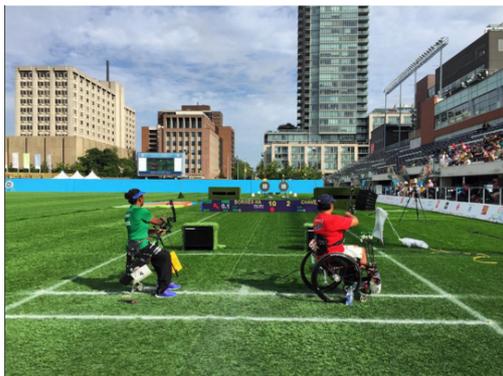


FIGURA 22



Os diferentes conteúdos veiculados pelos meios de comunicação possibilitam ao indivíduo uma forma de diálogo entre outros grupos sociais, proporcionando a abertura de “portas invisíveis para o mundo” (HILGEMBERG, 2014, p. 01). A veiculação da mídia pode contribuir para a construção de inúmeras representações sociais, como política, esportes, educação, saúde... enfim, temas que fazem parte do nosso cotidiano. Como subsídio de opinião pública, a mídia, também, contribui e/ou impõe significativamente um modelo de como o esporte se desenvolve e é praticado, visto e divulgado. Cabe ressaltar que, além do seu potencial em ampliar a visibilidade do evento, a mídia em seu discurso tem histórico de replicar estereótipos sociais referente à pessoas com deficiência (HILGEMBERG, 2014).

Indumentária dos atletas

Para refletirmos sobre esta categoria, cabe neste momento trazer a seguinte questão já levantada por diferentes autores (BUYSSE; BORCHERDING, 2010; FIGUEIREDO, 2014; PAPPOUS et al., 2009). Como são representados os atletas paralímpicos pelos meios de comunicação? Esta pergunta permeia todo o trabalho e nos instiga a pensar a partir dos diferentes olhares que a mídia tem veiculado sobre os atletas com deficiência. Para Pappous et al., (2009), os diferentes registros

fotográficos sobre o esporte para pessoas com deficiência possuem apontamentos que contribuem para um olhar estigmatizado desses atletas.

Quando há postagens sobre os atletas com deficiência e estas estão deslocadas de sua atividade esportiva, proporciona o não reconhecimento do atleta e o descaracteriza de sua condição de competitividade. O CPB em seu instagram postou, durante os Jogos Parapan-americanos de 2015, 44 imagens com os atletas de uniforme, correspondendo a 47,31% do total de imagens, e 50 postagens com atletas sem uniforme, 53,76%, ou seja, na maioria de suas postagens os atletas parapanamericanos não estão utilizando uniformes. “Estas são imagens em que os sujeitos [atletas] fotografados estão em uma posição imóvel, sem suas roupas esportivas e fora do lugar de competição. Este tipo de representação iconográfica é estática e não permite que o leitor perceba que são atletas de elite”⁶ (PAPPOUS et al., 2009, p. 36).

Abaixo, podemos ver alguns exemplos de fotos na categoria Sem Uniforme em que o CPB postou na sua página do Instagram:

FIGURA 23



FIGURA 25



FIGURA 24



FIGURA 26



Nesta perspectiva, os autores identificam três categorias que contribuem para um olhar estigmatizado da deficiência. A primeira é denominada de “falta de espírito esportivo”⁷, em que retratam o sujeito em local fora de competição, de maneira passiva e sem uniformes. A segunda é denominada de “o atleta caracterizado por sua deficiência”⁸, em que se evita mostrar o corpo do atleta, no entanto, foca em sua deficiência, como por exemplo imagens das próteses e das cadeiras de rodas. A terceira categoria é denominada de “a cadeira de rodas como um estereótipo”⁹, pois, em

⁶ “Se trata de imágenes en las cuales los sujetos fotografiados se encuentran en una postura inmóvil, sin sus vestimentas deportivas y fuera del lugar de la competición. Este tipo de representación iconográfica es muy estática y no permite al lector pensar que se trata de deportistas de elite”

⁷ Ausencia de deportividad;

⁸ El deportista caracterizado por su discapacidad;

⁹ La silla de ruedas como un estereótipo.

momentos como cerimônia de abertura ou encerramento elas são as que mais aparecem. Ou seja, representam um símbolo dos jogos esportivos para pessoas com deficiência (PAPPOUS et al., 2009).

No que tange a categoria Com Uniforme, são imagens que retratam o sujeito com a sua vestimenta específica de competição. Como mencionamos anteriormente, nesta perspectiva encontramos 44 imagens que corroboram com os autores e auxiliam na discussão sobre os discursos dos corpos de atletas com deficiência veiculados pela mídia. No trabalho de Pappous et al. (2007), em que analisaram 306 fotografias publicadas em jornais impressos espanhóis sobre os Jogos Paralímpicos de Atlanta 1996, Sidney 2000 e Atenas 2004, eles constataram que 29,1% das imagens retrataram atletas paralímpicos em momentos de competição e com o uniforme. Por outro lado, 70,9% das publicações apresentaram os atletas em momentos fora de competição e sem uniforme.

Abaixo, podemos ver alguns exemplos de fotos na categoria Com Uniforme em que o CPB postou na sua página do Instagram:

FIGURA 27



FIGURA 28



FIGURA 29



De acordo com os dados analisados é possível perceber que o CPB buscou retratar as imagens dos atletas parapan-americanos em momentos de competição. Uma forma de exposição fotográfica que auxilia na perspectiva de desestigmatização dos atletas, contribuindo para pensarmos o corpo deficiente e de que maneira ele é construído socialmente. Cabe ressaltar também, que das 93 postagens publicadas sobre os atletas, 50 imagens foram em momentos que os atletas não estavam competindo, e estavam sem uma identificação - no nosso caso, o uso do uniforme

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de encerrarmos esta discussão, reconhecemos a validade do esforço comunicativo que o CPB vem desenvolvendo através das suas diferentes estratégias de aproximação com a mídia. A manutenção da atualização constante das suas páginas/perfis nas redes sociais se constitui como um grande desafio para uma instituição burocrática do esporte que teoricamente não teria essa atribuição.

Nesse sentido, o uso dos meios de comunicação, tais como o Instagram, contribui para a promoção, a mediação e a inserção cultural do esporte para pessoas com deficiência na sociedade. Portanto, os conteúdos e os modos como eles são veiculados pelo Comitê nas suas diferentes mídias tornam-se fundamentais para a maneira como o esporte e os atletas com deficiência serão vistos e compreendidos na esfera pública.

Constatamos, ao final deste estudo, que a cobertura fotográfica do CPB em seu perfil do Instagram contribui parcialmente para uma visão esportivizada dos atletas com deficiência. A partir de uma perspectiva quantitativa, há uma tendência em enfatizar o enquadramento das imagens dos mesmos, ocultando as suas deficiências, mostrando-os em posições passivas e sem os seus uniformes de competição. O único elemento esportivo que apareceu com maior incidência na composição fotográfica das postagens foi o espaço ocupado pelos atletas, que em sua maioria foram apresentados dentro do campo de competição e/ou no pódio com suas medalhas.

Em apenas 15 fotos (16,1%), das 93 analisadas, identificamos a composição conjunta dos quatro elementos que sugerem e enquadram uma representação corporal de maior esportividade dos atletas com deficiência. Abaixo, apresentamos dois exemplos dessas imagens que associam a exposição da deficiência sem enfocá-la; a presença do atleta no campo de competição; a postura do atleta em uma atitude de competitividade; e com a indumentária de competição.

FIGURA 30



FIGURA 31



Por fim, esperando ter atendido as demandas desse dossiê de tratar sobre a governabilidade dos corpos humanos, tendo a mídia como ferramenta/meio político e cultural para tal, indicamos que os corpos com deficiência pedem passagem para fazer parte desta sociedade do espetáculo. Através da participação ativa em diferentes âmbitos sociais, tal como o esporte de alto rendimento aqui representado pelos Jogos Parapan-americanos, as pessoas com deficiência têm demonstrado que vão além de corpos diferentes, falhados, incompletos, deformados, incapazes, ou outras formas de estigma que lhes são atribuídos. Eles têm provado, através da prática esportiva, que são capazes, que podem ser viris, determinados, participativos, vitoriosos e exercer muitas funções e papéis na sociedade. São situações como essas que reforçam o equívoco do modelo médico pelo qual essas pessoas são vistas, ao terem seus corpos tratados como patológicos. Isso reitera o quão a deficiência dos corpos deve ser vista pelo modelo social, no qual a deficiência, a limitação, ou até mesmo a patologia, estão no modo como a sociedade se organiza, sem acessibilidade e sem inclusão social.

Para que superemos essa perspectiva estigmatizante de corpos deficientes abomináveis, os enquadramentos imagéticos pelos quais eles são demonstrados para a sociedade são fundamentais. Os eventos esportivos são uma ótima oportunidade para virarmos os holofotes do espetáculo para esses corpos diferentes, porém tão iguais e tão capazes quanto qualquer outro protagonista social. Indicamos, portanto, que as instituições esportivas e midiáticas mostrem os atletas com deficiência sem ocultar ou mitificar suas identidades corporais, sem criar uma identidade virtual ou uma segunda realidade sobre os mesmos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, n. 18, p. 85–99, 2009.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.
- BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.
- DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad. Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, p. 80–88, 2009.
- DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European countries during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283–296, 2010.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of DisAbility: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, p. 416–430, 1997.
- FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.
- GOFFMAN, E. **Estigma: la identidad deteriorada**. 1ª, 10ª re ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Ed.). . **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2007. p. 149–167.
- HARDIN, M. Disability and Sport: (Non)Coverage of an Athletic Paradox. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Eds.). . **Handbook of Sports and Media**. [s.l.] Lawrence Erlbaum Associates, 2012. v. 46p. 625–634.
- HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.
- HARDIN, M.; HARDIN, B. Performance or Participation...Pluralism or Hegemony? Images of Disability and Gender in Sports ’n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.
- HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48–58, 2014.
- INSTAGRAM. **Sobre nós**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/about/us/>>. Acesso em: 31 mar. 2016.
- KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E. (Ed.). . **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 43–62.
- KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Líbero**, v. 6, n. 11, p. 4–15, 2003.
- LIMA, C. A. **Experiências dançantes: corporeidade de sujeitos nômades**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000)**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187–235, 2012.

MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2011.

PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. **Revista de Ciencias del Ejercicio**, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 9, p. 31–42, 2009.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011.

PIRES, G. D. L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SILVA, A. M. **Corpo e Diversidade Cultural** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 2001. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/324>>. Acesso em: 2 abr. 2016

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBBA, C. Oscar Pistórius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação PPGE/ME FURB**, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.

MINIBIOGRAFIA

Silvan Menezes dos Santos (maria.couto@ifgoiano.edu.br)



Doutorando em Educação Física na linha de pesquisa Sociologia do Esporte e do Lazer na Universidade Federal do Paraná e Membro Pesquisador Junior da Academia Paralímpica Brasileira. Mestre em Educação Física, na linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe (2011). Pesquisador do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva, LaboMídia/UFSC/UFS.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2939008930884704>

Antonio Luis Fermino (andreanaves2003@yahoo.com.br)



Doutorando em Educação Física na Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2012). Licenciado em Educação Física pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2009). Atua como pesquisador no Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva - LABOMIDIA/UFSC e Corpo, Educação e Cultura - COEDUC/UFMAT.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4590935914592470>